

Estratégias Necropolíticas na Regularidade de Mortes de Mulheres Lésbicas em Seriadados Norte-americanos¹

Renata Nunes de Almeida²

Luiza Müller³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Neste artigo analisamos as estratégias necropolíticas, a partir do conceito de Mbembe (2016), inerentes às mortes de personagens de mulheres lésbicas nos seriados televisivos norte-americanos. Para isso, revisitamos a história das personagens LGBT na televisão e, fazendo uso de conceitos de Foucault (1984) e Butler (1990; 2000), abordamos a construção do corpo lésbico neste ambiente. Tal percurso teórico conduziu a identificação de três estratégias necropolíticas emergentes dessas mortes: *Diferenciação, Punição e Silenciamento*.

PALAVRAS-CHAVE: Estratégias Necropolíticas; Lésbica; Mortes; Seriado; Comunicação.

1 INTRODUÇÃO

Personagens sempre foram vetores de reconhecimento e, através de narrativas, nos envolvem, nos tocam e nos ensinam, e por isso, tomamo-os por foco deste trabalho. O presente tema⁴ teve sua origem em uma incursão curiosa em uma grande movimentação na internet. Quando a personagem Lexa do seriado *The 100* foi morta, em 2016, fãs ficaram extremamente comovidos e iniciaram movimentos de questionamento. Nesta mesma época, o site *Autostraddle* publicou uma lista com números consideráveis de mulheres lésbicas e bissexuais que haviam morrido nos seriados televisivos. Esta lista inicial também chamou a nossa atenção pela expressividade dos números e pelo problema narrativo encontrado nos seriados.

A partir disso, começamos a investigar essas mortes e, através deste movimento exploratório inicial, percebemos a relevância de tais fenômenos enquanto objeto de pesquisa interessante. Além disso, consideramos tal debate relevante para a academia por trazermos uma minoria ao centro da discussão, o que nos dá a oportunidade de

¹ Trabalho submetido no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduanda no curso de Comunicação Social - Hab. em Publicidade e Propaganda na UFRGS.

³ Mestranda no curso de Jornalismo na UFRGS.

⁴ Este trabalho é um recorte de uma pesquisa maior que compõe monografia homônima.

analisarmos estes sistemas opressivos que seccionam as vivências de mulheres nos seriados, e por vezes, espelham-se ou influenciam a realidade. O estudo e consequente evidência de estratégias necropolíticas nos seriados nos revelam, portanto, muito mais sobre o sistema de construção do que sobre as próprias narrativas. Nesta lógica, *Diferenciação*, *Punição* e *Silenciamento* são evidenciadas enquanto estratégias necropolíticas identificadas nas séries de mortes de mulheres lésbicas nos seriados norte-americanos. Ressaltamos que, neste trabalho, utilizamos o conceito de Necropolítica conforme desenvolvido por Mbembe (2016), operando, porém, uma instrumentalização desse, deslocando-o de sua aplicação original, traçando cruzamentos com a temática própria deste artigo.

O ponto de partida para dar a ver tais estratégias necropolíticas foi uma lista composta de 104 mortes de personagens de mulheres lésbicas nos seriados televisivos norte-americanos, ocorridas de 2010 a 2017. Tal recorte foi feito a partir de uma lista maior e tomou como premissa a década com maior expressividade de mortes em número. Nosso método de análise parte da observação das cenas das mortes das personagens, seguida da catalogação e serialização em tipos de morte. Em seguida, analisamos estas séries em categorias, utilizando-nos das teorias aqui apresentadas para a sua problematização. As categorias de análise escolhidas foram: *Soberania*, *Repetição*, *Linguagem Falocêntrica* – com a subcategoria *Silêncio* -, *Derramamento de Sangue* e *Consciência*.

Para dar início à nossa discussão, na segunda seção deste artigo reunimos dados sobre as personagens lésbicas nos seriados televisivos norte-americanos. Na terceira seção, debatemos acerca do corpo lésbico, utilizando-nos de autores como Butler (1990) e Foucault (1984), e expomos aspectos da necropolítica de Mbembe (2016) incorporados à pesquisa. Finalmente, na última seção, apresentamos nossa metodologia, culminando na análise das séries de mortes de personagens de mulheres lésbicas nos seriados norte-americanos à luz da discussão empreendida nos demais capítulos para evidenciar as estratégias necropolíticas inerentes a essas mortes enquanto regularidade.

2 A Mulher Lésbica nos Seriados Televisivos Norte-americanos

As primeiras discussões sobre homossexualidade na televisão aconteceram em 1954, através do *talk show Confidential File* (1953-1959) (TROPICANO, 2002, p. 3). As

matérias eram conduzidas de forma sensacionalista e a mulher lésbica não era nem citada neste período (TROPIANO, 2002).

Uma das primeiras personagens denominada com “tendências lésbicas” surgiu no início dos anos 60, no seriado *The Eleventh Hour* (1962-1964). O seriado dramatiza e medicaliza as “tendências” homossexuais de Hallie, e, ao final, ela é “curada” (TROPIANO, 2002, p. 7-9). Os seriados americanos até então omitiam a existência da lésbica, e continuaram a omitir durante os próximos anos. Os anos 70 foram marcados enredos com tratamentos médicos, e que tentavam explicar a homossexualidade para o público. Nos anos 80, Marilyn McGrath e Patty de *Heartbeat* ficaram conhecidas como o primeiro casal lésbico em um seriado televisivo. Também nos anos 80, acompanhamos alguns personagens sendo inseridos como “alívio cômico” nos enredos. Com a chegada dos anos 1990, é possível identificar novas personagens lésbicas surgindo, e vemos um esforço sendo feito para uma normalização do tema (TROPIANO, 2002). Ainda há resquícios de discursos do passado, mas o tema da homossexualidade surge com mais força nos anos seguintes. Além disso, um grande marco dos anos 90 foi Ellen DeGeneres, que se assumiu gay no sitcom *Ellen* (1994-1998), e na vida “real” ao mesmo tempo. Mulvey (1975) diz que existe uma grande importância estética no ato de se reconhecer, e Ellen abriu precedentes para uma geração se encontrar.

Os anos 2000 trouxeram uma mudança visível para as personagens lésbicas, que ganharam papéis mais visíveis e mais fixos nos seriados. A transformação entre as décadas é perceptível, e instiga sempre por mais modificações, por reconhecer o homossexual como próximo e não como outra categoria. A partir do ano de 2010, com os avanços legislativos e judiciários em benefício dos direitos de pessoas LGBT, há uma grande mudança nas figuras vistas na televisão (e no próprio modo de fazer televisão). Os casais homossexuais passam a ter enquadramentos “aproximados” aos que casais heterossexuais sempre desfrutaram. Porém, juntamente com a multiplicação de tramas apresentando-as, há um aumento questionável de mortes dessas personagens lésbicas, e esta expressividade de mortes nos seriados americanos é o objeto deste artigo.

Evidenciamos, portanto, a perpetuação incômoda do tropo *Bury Your Gays*, um dispositivo de discurso audiovisual notado por fãs e telespectadores de seriados. O

termo foi primeiramente cunhado pelo site *TV Tropes*⁵, que também coloca sua definição, explicando que “[...] frequentemente, [...] a personagens gays não são permitidos finais felizes. Mesmo que acabem tendo algum tipo de relacionamento, pelo menos metade do casal [...] tem que morrer no final.” (TVTROPES, [201-], tradução nossa). Nesta pesquisa iremos focar no clichê direcionado ao desfecho de personagens lésbicas⁶, mas é importante notar que outros gêneros e sexualidades estão incluídos e são atingidos pelo tropo *Bury Your Gays*.

3 CORPO LÉSBICO - FUGA E CONTROLE

No presente estudo, a homossexualidade vem acompanhada de morte. Este se torna um dispositivo discursivo problemático no momento em que faz esta amarração automática de um grupo de pessoas específicas com um desfecho trágico. “Deleuze afirmava que a linguagem é antes caso de política que de linguística.” (SILVA, 2015, p. 21) E o que este discurso nos diz politicamente é quem neste cenário deve morrer. Vemos, segundo Butler (1990, p. 200) que “A linguagem é investida do poder de criar ‘o socialmente real’ por meio dos atos de locução dos sujeitos falantes.”, e ainda, citando Wittig (*apud* Butler 1990, p. 200), reafirma que “a linguagem é um conjunto de atos, repetidos ao longo do tempo, que produzem efeitos de realidade que acabam sendo percebidos como ‘fatos’.”.

Neste sentido, ainda segundo a autora, dentro de uma análise psicanalítica, “A linguagem é compreendida como falocêntrica [...]” (BUTLER, 1990, p. 11), e por ter o falo como centro, aquilo que não é falo pode - e muitas vezes deve - ser excluído, dentro desta lógica. Estes mesmos discursos e linguagens constroem os entendimentos de gênero e sexualidade no corpo social. Entretanto, o gênero não é um modelo fixo produzido e aplicado nos corpos. As exceções em meio às regulações são sinal da resistência, entretanto, acabam também por sofrer a pressão das proibições.

É sintomático que presenciemos sistemas de proibições na coletividade dos seriados e da sociedade. “Em outras palavras, para que a heterossexualidade permaneça intata

⁵ <http://tvtropes.org/>; Site em formato Wiki.

⁶ O nome para o tropo no qual exclusivamente lésbicas morrem nos enredos se chama “*Dead Lesbian Syndrome*”, porém escolhemos utilizar o termo “*Bury Your Gays*” por alguns motivos. *Bury Your Gays* ganhou grande visibilidade com as manifestações de fãs, e consideramos mais relevante unir os discursos minoritários do que separá-los. O uso deste termo também pode facilitar a pesquisa, afinal, é mais reconhecido. E por fim, queremos deixar este debate aberto para outras minorias, pois este desfecho trágico não é exclusivo de mulheres lésbicas, ele também existe entre as outras letras da comunidade LGBT.

como forma social distinta, ela exige uma concepção inteligível da homossexualidade e também a proibição dessa concepção, tornando-a culturalmente ininteligível.” (BUTLER, 1990, p. 138) Tornando assim, como Butler (1990, p. 139) aponta, o “impensável” plenamente dentro da cultura, mas plenamente excluído da cultura dominante. Por essa razão, a autora (1990) apresenta a lésbica – dentro de uma crítica à psicanálise - como “[...] o único conceito que conheço que está além das categorias de sexo.” (1990, p. 47) Assim, o papel da lésbica desestabiliza superficialmente uma lei prioritariamente centrada no falo, desestabilizando conjuntamente as relações de poder regidas por esta lei. O impasse que se forma então é ser este “não-ajustável” em forma de resistência, e resistência que vem acompanhada de retaliação.

A regulação profunda de um discurso até chegar à naturalização é uma ferramenta para esconder o próprio ciclo de construção do sistema de sexo-gênero. Por isso Lauretis (1987, p. 215) diz que “O pessoal é político.”, pois qualquer individualidade excluída que se manifesta, é capaz de desestabilizar a regulação coletiva e, portanto, é política. O gênero se faz político no pessoal que quebra a regulação apenas por existir. Nesse sentido ideal, falar é, para Wittig (*apud* BUTLER, 1990), “um ato de poder [...]” (BUTLER, 1990, p. 209) Ou seja, aquele que silencia ou é silenciado é incapaz de ser igualado aos falantes. O silenciado perde este poder de se fazer ver, ouvir e até existir. Segundo Foucault (1984, p. 8), “[...] a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência [...]”. Butler (1990) ainda identifica um complexo sistema de hostilização de gêneros:

Portanto, como estratégia de sobrevivência em sistemas compulsórios, o gênero é uma performance com consequências claramente punitivas. [...] de fato, habitualmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero. [...] As possibilidades históricas materializadas por meio dos vários estilos corporais nada mais são do que ficções culturais punitivamente reguladas, alternadamente incorporadas e desviadas sob coação. (BUTLER, 1990, p. 241)

Foucault afirma que “[...] é o fato do poder encarregar-se da vida, mais do que a ameaça da morte, que lhe dá acesso ao corpo.” (1984, p. 154) Os corpos são as principais vias de controle do biopoder, assim como o sexo. Uma questão a ser levantada é a que o corpo lésbico aqui estudado é excluído deste controle, pois este sexo é prioritariamente o heterossexual. Sendo assim, este corpo não corresponde a estas regulações, nem disciplinares, nem medicalizadas. Ainda de acordo com Foucault, por

muito tempo o poder soberano foi evidenciado através do sangue (FOUCAULT, 1984, p. 145). A partir de “[...] seu funcionamento na ordem dos signos (ter certo sangue, ser do mesmo sangue), [observamos] [...] o poder falar através do sangue;” (FOUCAULT, 1984, p. 159) Esta simbologia perdura de algumas formas na nossa sociedade, e conforme Mbembe (2016, p. 129), “[...] a tensão entre a paixão do público por sangue e as noções de justiça e vingança é crítica.” Nesta transição histórica “[...] fizeram passar nossas sociedades de uma simbólica do sangue para uma analítica da sexualidade.” (FOUCAULT, 1984, p. 160).

Foucault (1984) também explana sobre como os números de suicídios aumentaram no momento em que a sociedade passou a regular a vida e não a morte. A morte se tornava então este momento privado e não controlado. Mbembe (2016) faz uma leitura da figura do mártir, afirmando que “A morte atinge aqui o caráter de transgressão.” (2016, p. 145) A desobediência ao poder se dá na ação de rejeitar a vida controlada. Entretanto Mbembe (2016) sugere que “[...] a morte não se reduz ao puro aniquilamento do ser. Pelo contrário, é essencialmente autoconsciência;” (2016, p. 125) Esta realização da nossa própria morte que a morte do outro traz a nossa consciência é, possivelmente, onde habita a maior significação violenta do ato de morrer. E sendo o corpo lésbico selecionado para a morte repetidamente, este passa a ser marcado por este signo da violência. Podemos nos perguntar também, se a série de mortes que estudamos se assemelham ao que Mbembe (2016) descreve como: processo técnico, impessoal, silencioso e rápido. Maneiras práticas de livrar-se de corpos que não permitem ser controlados.

3.1 Estratégias Necropolíticas

As personagens lésbicas mortas nos seriados estudados nesta pesquisa morreram no campo da ficção, mas queremos aqui resgatar a mútua influência entre ficção e do real. As mulheres aqui estudadas não morreram efetivamente, mas outras morreram. E todas elas fazem parte das cadeias de significações que emergem destes eventos, que acabam sendo mais uma ferramenta da ação punitiva do gênero.

A partir deste signo violento da morte amarrado às personagens lésbicas estudadas neste artigo, escolhemos utilizar os conceitos de Mbembe (2016), em busca de determinar as estratégias necropolíticas que essas mortes que habitam o audiovisual dão a ver. Como a teoria de Mbembe (2016) é aplicada sobre ambientes estatais,

instrumentalizaremos seus conceitos para que, deslocando-o de seu lugar original, possa servir de ferramenta na problematização que aqui nos propomos sobre os seriados.

A necropolítica parte inicialmente do conceito de biopolítica em Foucault (1984), reunindo conceitos em si para afirmação de poderes. Destes conceitos seremos capazes de extrair nossas estratégias. Segundo Mbembe (2016):

[...] a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder. (MBEMBE, 2016, p. 123)

O necropoder, através da soberania, exerce este poder de escolher quem pode morrer ou viver. Este poder se constrói através de várias ferramentas para ser capaz de se afirmar neste ambiente inalcançável. O soberano não consegue seu poder apenas por ser soberano, ele necessita da afirmação ou passabilidade permitida pelo corpo social. “A política, portanto, é definida duplamente: um projeto de autonomia e a realização de acordo em uma coletividade mediante comunicação e reconhecimento.” (MBEMBE, 2016, p. 124). A noção de soberania no necropoder também opera por mecanismos de segregação, pois conforme Mbembe, “Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado.” (2016, p. 128) O racismo toma o papel de segregar para o soberano se apoderar do excluído. O poder soberano precisa deste acordo social de diferenciação da mesma forma, a separação causando uma desumanização e permitindo a morte. Esta separação é necessária no que diz respeito ao poder soberano. Importando tal debate para a relação entre público e televisão, podemos nos perguntar sobre que acordos são feitos (construídos e/ou impostos) para estabelecer a passabilidade de uma série tão expressiva de mortes de personagens de mulheres lésbicas nos seriados, que, nessa relação, encarna o papel do excluído.

Mbembe (2016) diz que, conforme o avanço das tecnologias, “Aparecem formas de crueldade mais íntimas, sinistras e tranquilas.” (MBEMBE, 2016, p. 129). Para as regulações vigentes perdurarem, o regime necessita de mecanismos de afirmação que reforcem o poder, mesmo que seja pela violência. As ações de terror servem de mecanismos punitivos para o desviante, o poder o segrega e o violenta. Ainda nestas tecnologias silenciosas, encontramos aspectos de terror, pois se ver a violência é crítico, não vê-la é apavorante. O discurso civilizatório de seccionamentos atua em situações

diferentes, mas de formas semelhantes, visto que o discurso binário de gênero não passa de uma regulação cível dos corpos. Sendo assim, a necropolítica fornece a este trabalho, bases para refletir neste massacre ficcional. Retomaremos este conceito sempre que necessário para tensionamentos pertinentes durante a pesquisa.

4 ANÁLISES

O ponto de partida deste artigo uma lista, retirada do site *Autostraddle*, e que enumera as mortes de personagens lésbicas nos seriados norte-americanos. Tendo-a como base, nosso primeiro movimento foi complementá-la com dados de outros sites. Posteriormente, operamos a catalogação de tais mortes tendo como critério os países de veiculação dos seriados. Diante dos dados coletados, escolhemos focar no país com maior número de personagens mortas, totalizando 154, os Estados Unidos. Selecionado o recorte territorial, catalogamos por anos e décadas em que as mortes foram veiculadas. Escolhemos então os anos de 2010 a 2017 para este recorte, e excluimos os seriados exclusivos de plataformas de streaming. Dessa forma, nosso corpus configura-se em 104 mortes de personagens lésbicas em seriados veiculados na televisão norte-americana, e ocorridas entre 2010 e 2017.

Após esta listagem inicial, foi construída uma tabela para a análise das cenas das mortes das personagens. Foram assistidas as 104⁷ cenas das mortes das personagens e catalogadas com informações suficientes para permitir uma análise adequada. Seguida a esta coleta de informações, serializamos as cenas por tipos de morte, sendo estas: *Assassinato*⁸, *Suicídio*⁹, *Sacrifício*¹⁰, *Natural*¹¹, *Acidente*¹² e *Indefinido*¹³. Como a série *Assassinato* incorporou mais da metade das cenas, decidimos dividir também em *Subtipos de Assassinato*, que são: *Tiro*¹⁴, *Lâmina*¹⁵, *Golpes na Cabeça*¹⁶, *Asfixia*¹⁷,

⁷ Apenas uma das cenas não foi assistida, referente à morte de Emily “A&W” Blake de *Prison Break*, pois a temporada buscada não está disponível na internet. Cena reconstruída a partir de fotos e narrativas.

⁸ Série composta por 67 personagens mortas.

⁹ Série composta por 9 personagens mortas.

¹⁰ Série composta por 6 personagens mortas.

¹¹ Série composta por 8 personagens mortas.

¹² Série composta por 12 personagens mortas.

¹³ Série composta por 2 personagens mortas.

¹⁴ Subtipo da série *Assassinato* composto por 20 personagens mortas.

¹⁵ Subtipo da série *Assassinato* composto por 12 personagens mortas.

¹⁶ Subtipo da série *Assassinato* composto por 8 personagens mortas.

¹⁷ Subtipo da série *Assassinato* composto por 7 personagens mortas.

*Veneno*¹⁸, *Indefinidos*¹⁹ e *Outro*²⁰. Na etapa a seguir, relacionamos as séries identificadas com as teorias apresentadas, a partir de categorias de análise do *corpus*. Através de tal análise evidenciamos a *Diferenciação*, *Punição* e *Silenciamento* enquanto estratégias necropolíticas inerentes a essas mortes nos seriados.

4.1 As Estratégias Necropolíticas nas Mortes de Mulheres Lésbicas nos Seriados Televisivos Norte-americanos

Com base nas teorias estudadas, desenvolvemos categorias de análise para investigarmos as séries de mortes catalogadas, que são as seguintes: *Soberania*, *Repetição*, *Linguagem Falocêntrica* – com a subcategoria *Silêncio* -, *Derramamento de Sangue* e *Consciência*. Reiteramos que todas as personagens analisadas no corpo do texto a seguir foram mortas dentro do enredo dos seriados estudados.

A categoria *Soberania* parte do conceito de Mbembe (2016) sobre a capacidade de decidir quem é descartável em um contexto, utilizando de artifícios que desumanizam aquele que morre, para que assim este poder soberano de matar seja validado ou justificado. Este poder necessita estar validado pelos costumes para conseguir ser exercido. Dentro desta categoria, encontramos primeiramente a série *Assassinato*, subtipo *Veneno*. As personagens aqui assassinadas por envenenamento fornecem uma condição de diferença para serem mortas nos seriados. Por exemplo, Nora (*True Blood*) e Nadia (*The Vampire Diaries*), são apresentadas como vampiras. Em outras narrativas, Tina Patterson (*Boss*) e Mimi Whiteman (*Empire*) ocupam posições de poder em seus enredos. O perigo biológico implícito que estas personagens apresentam, por serem mulheres, lésbicas e em uma posição de poder, é o suficiente para estas mortes serem justificadas. Através do *Veneno*, há um desejo de afastar e matar não somente a lésbica, mas tudo que há dentro dela e seus significados.

Dentro da categoria *Soberania*, encontramos também a série de mortes *Sacrifício*. Nesta série, ocorre este movimento de significação através de uma diferenciação, porém uma diferença positiva, afinal, elas escolhem entregar a sua vida por algum motivo. Como exemplo, temos Helena "HG" Wells (*Warehouse 13*), que dá a própria vida para salvar os amigos e isto a codifica como uma personagem especial. Neste contexto, ser “melhor” não fez diferença para estas personagens, afinal, elas

¹⁸ Subtipo da série *Assassinato* composto por 5 personagens mortas.

¹⁹ Subtipo da série *Assassinato* composto por 4 personagens mortas.

²⁰ Subtipo da série *Assassinato* composto por 11 personagens mortas.

morreram da mesma forma. É importante notarmos que estas são apenas as principais séries de mortes que podemos tensionar através do conceito de *Soberania* (MBEMBE, 2016). Na verdade, cada uma das mortes analisadas precisa de certa justificativa para ser aceita, e cada série irá fornecer maiores ou menores insumos para segregar as personagens.

A categoria *Repetição*, através do conceito de Butler (1990), nos mostra, segundo a autora, que as regras que comandam o sistema social atuam por repetição, como a linguagem que é construída e reforçada a cada novo uso. Aqui usamos esta categoria para evidenciar sinais de consistência de discursos e atos. Por exemplo, existe um signo e uma consistência essencial no ato de matar com as próprias mãos. O ato requer uma certeza convicta e repetição de uma afirmação nefasta. Nesta categoria, encontramos primeiramente o subtipo *Golpes na Cabeça*, da série *Assassinato*. Como exemplo a personagem Talvinder (*Slasher*), que é morta pelos seus amigos adolescentes em um acampamento de verão. Alguns querem salvá-la, mas uma das meninas golpeia Talvinder com uma pedra várias vezes, até pegar uma rocha maior e esmagar a cabeça dela. A repetição dos golpes produz signos de violência pura, pois envolve sangue, ossos quebrados e o desejo da morte. Lucy e Alice (*American Horror Story: Freakshow*) são mortas a marretadas pelo marido de Lucy em um surto psicótico e de ciúmes. Matar com atos repetidos quer dizer repetidamente querer eliminar a existência do outro.

Outra série dentro desta categoria é a de *Assassinato*, subtipo *Asfixia*. Da mesma ordem da consistência, estrangular ou afogar alguém é um ato contínuo, e também de esforço. Por exemplo, Claire Lyons (*Breakout Kings*) que é traída pela namorada e afogada em uma banheira. Por último, encontramos nesta categoria também o subtipo *Lâmina* da série *Assassinato*. Este subtipo se apresenta por último por não expressar de forma tão regular as repetições. Por exemplo, Alexandra Harrison (*Blindspot*) é morta com uma facada no pescoço como ameaça para sua namorada. Rose (*Crossbones*) é morta pela suposta namorada, que parece estar cansada dela. O que percebemos é que se fosse necessário mais de uma facada os assassinos não hesitariam; portanto, as repetições que não acontecem em tela, acontecem em um nível interior de afirmação do ato. Estes atos violentos e repetidos expressam a decisão de matar afirmada, e são relacionáveis com os discursos violentos que se repetem, matando por vezes não

fisicamente, mas em outras instâncias das vivências divergentes. Esta categoria apenas deixa evidente este desejo de submeter violentamente o diferente.

A categoria de análise *Linguagem Falocêntrica* parte deste conceito crítico em Butler (1990), que coloca o falo como centro de um regime regulador dos discursos de sexo e gênero. O falocentrismo, antes de ser linguagem, é signos que trabalham de forma excludente, ou seja, o que não diz respeito ao falo, é o que Butler (1990) chama de “impensável”. Para este sistema, as tentativas de desobediência vêm acompanhadas de retaliações. Encontramos nesta categoria, o subtipo *Tiro* da série *Assassinato*. Este corte abrupto e rápido na vida destas personagens se relaciona com as regulações deste sistema, onde o que não é heterossexual é seccionado. E em sua grande maioria estas personagens foram mortas por homens. É um ato de repressão que indica quem deve ser apagado, e quem deve permanecer reforçado. Alguns exemplos são: a personagem Marissa Tasker (*All My Children*), morta pelo ex-marido; Angela Darmody e Louise Bryant (*Boardwalk Empire*), mortas juntas, como recado para o marido de Ângela; Annie Kaplan (*The Blacklist*) que aparece apenas no episódio de sua morte, sendo usada para codificar Kate como lésbica. Na verdade, o que está sendo morto nestas cenas é menos o corpo e mais a existência destas mulheres lésbicas. O subtipo *Lâmina* da série *Assassinatos* é encontrado nesta categoria por motivos muito semelhantes: uma grande categoria, com as mortes em sua maioria causadas por homens. O que diferencia estas experiências do subtipo anterior seria o acréscimo da violência que é causado cruzando esta categoria de *Linguagem Falocêntrica* com a de *Repetição*. Ainda cruzando estas duas categorias, encontramos também os subtipos *Golpes na Cabeça* e *Asfixia*, da série *Assassinato*. Seguem sendo assassinadas por homens, e sendo violentamente cruzadas com este desejo de serem mortas.

Na série *Acidente*, no momento da morte, prevalecem homens que estão apenas presentes ou que tentam salvá-las. Como Carolyn Hill (*Under the Dome*), que é vítima de uma explosão em um túnel, e sua filha e o amigo tentam salvá-la. Da mesma forma, Shay (*Chicago Fire*), é vítima de uma explosão em um edifício e dois colegas, tentam ressuscitá-la. Faz-se então presente o recado sutil, que a mulher estará sempre acompanhada da presença do masculino, nem que seja apenas na linguagem.

Consideramos *Silêncio* uma subcategoria de *Linguagem Falocêntrica*, pois o poder no ato da fala em Butler (1990) e Wittig dialoga diretamente com o regime falocêntrico. O poder de falar é o poder de se fazer igual. E o falocentrismo secciona a

lésbica do seu campo de discurso, transformando a sua existência no impensável. Encontramos a série *Indefinido*, onde o seriado não fornece nenhuma informação sobre a morte da personagem. Há o esforço de serem codificadas como lésbicas e então mortas, e não sabemos o motivo ou como elas morreram. Aqui não falamos apenas de um silêncio de fala, mas de toda a existência destas personagens. Dentro da série *Assassinato*, temos também um subtipo de *Indefinidos*. Neste subtipo, sabemos que as personagens foram assassinadas, mas também não sabemos de que forma. Estas mulheres também aparecem em poucos episódios e são poucas as informações que chegam ao público. Encontramos nesta subcategoria também, o subtipo *Asfixia*, da série de *Assassinato*. O silêncio destas personagens é forçado no momento da sua morte, sendo o ato de enforcar ou afogar, uma imagem visual para um silêncio imposto violentamente. A última série encontrada nesta subcategoria é a *Natural*, que engloba mortes de ordem biológica. O padrão nas mortes destas personagens é claro, em sua maioria, as personagens aparecem em um número baixo de episódios, possuem uma doença terminal, e participam de um belo momento familiar ou feliz antes de morrerem, sendo silenciadas de uma forma “sutil”. Elas são invisibilizadas e silenciadas aos poucos e de uma forma “pacífica”, que termina também, na morte. Dentro do falocentrismo, que exclui a mulher lésbica, estas personagens estão sob um signo de invisibilização, que só aceita a heterossexualidade como opção, e silencia o desviante.

A próxima categoria de análise que iremos observar é a *Derramamento de Sangue*, com bases nos conceitos de Foucault (1984) e Mbembe (2016) sobre esta simbologia. Foucault (1984) evidencia como a nossa sociedade foi construída através de signos de poder presentes no sangue, e também de acordo com a capacidade soberana de derramar o sangue do outro. Através do autor, percebemos também que atualmente é o sexo que ocupa o antigo lugar do sangue. No sexo, os regimes são capazes de controlar os corpos - mas não todos os corpos. Em Mbembe (2016), vemos a noção da paixão do público pelo derramamento de sangue, que fragiliza as concepções de justiça e gera espetáculos de morte.

Observamos a série *Acidente* nesta categoria, na qual encontramos esta característica de espetacularização da morte. Encontramos espetáculos destrutivos com o objetivo de matar uma personagem apenas; Como exemplo, em *Dominion*, Daria morre em um ataque que destrói sua cidade inteira. É a violência presente neste choque, o elemento que gera este espetáculo. Encontramos nesta categoria também a série de

mortes *Sacrifício*, que utiliza os mesmos artifícios visuais e simbólicos (explosões, choque, violência). O subtipo *Outro*, da série de *Assassinatos*, abrange conceitos de sangue e de espetáculo juntos. Estas mortes fazem parte da série que não se assemelham com as características de nenhum dos outros subtipos dentro de *Assassinatos*. A engenhosidade na exploração da violência na morte dessas personagens satisfaz o público nas suas necessidades por violência. Por último nesta categoria, analisamos as violências em formato de sangue literal nas cenas das mortes. As cenas mais sangrentas do processo de catalogação, estão presentes em três subtipos da série *Assassinato*: *Tiro*, *Lâmina* e *Golpes na Cabeça*. Poucos corpos sangrados são deixados implícitos, todo o espetáculo não está em elementos, mas no efetivo derramamento de sangue. Roz Walters (*Guilt*) é morta a golpes no rosto, seu sangue se espalhando. Nan Flanagan (*True Blood*) é morta com uma facada que faz espalhar sangue pela sala inteira. Renée (*Slasher*) é morta com um tiro, e o assassino mutila totalmente o seu corpo. O desejo por violência vem acompanhado por este poder de viver enquanto o outro morre, uma percepção de sobrevivência que satisfaz.

Foucault (1984) também fala sobre como a nossa sociedade se deslocou de uma lei com base no sangue, deixando sua simbologia, para uma lei baseada no sexo. Por isso, o problema se dá em função destas regulações do sexo serem construídas sobre um sistema de heterossexualidade compulsória, ou seja, a lésbica escapa a este controle. Ora, se o sexo da lésbica é excluído de um sistema de poder centrado do sexo, este sistema irá buscar outras maneiras de restabelecer o seu poder, como o sangue. É possível que este poder, em busca da regulação deste corpo, retorne ao controle familiar do sangue, negado em prol da valorização da vida, porém resgatado em nome da ameaça presente na transgressão. Fazer sangrar pode ser o único meio que o sistema encontrou de regular o corpo lésbico.

A última categoria de análise é *Consciência*, onde utilizamos os conceitos de Mbembe (2016) sobre morte, liberdade e autoconsciência. As personagens nesta categoria escolheram morrer, ou se sacrificar. E tirar a própria vida, ou deixar-se morrer dentro do sistema de biopoder, que valoriza a vida para controlá-la, externaliza estes signos de luta por uma libertação. Contudo, esta libertação pode ser envolvida não apenas com poderes externos de dominação. Dentro desta categoria, encontramos a série *Suicídio*, e como exemplo citamos Bizzy Forbes (*Private Practice*), que tira a sua vida após sua esposa falecer, tornando a libertação de Bizzy em relação a sua própria

dor. Contudo, se a única solução de libertação nesta série é em direção ao desconhecido, seria mesmo uma libertação? Na série *Sacrifício*, presente nesta categoria, encontramos situações semelhantes, mas que produzem signos diferentes. Aqui as mulheres se sacrificam por algo ou alguém e a libertação em relação ao apego com a vida e a sua consciência ao se fazer morrer, são atos de transgressão.

Assim, em consequência deste processo de análise, evidenciamos enquanto estratégias necropolíticas nas séries de mortes de mulheres lésbicas nos seriados norte-americanos a *Diferenciação*, a *Punição* e o *Silenciamento*.

Com as análises apresentadas na categoria *Soberania*, demonstramos como o poder soberano de infringir a morte necessita de apoios para ser justificado. As existências são passíveis de serem aniquiladas através das estratégias de *Diferenciação* evidenciadas. Segregar o desconhecido é afastar-se da sua humanidade. Portanto, esta estratégia valida a capacidade de matar 104 vezes, pois quando não nos enxergamos no outro, esta diferença pode se transformar em ameaça. A lésbica é marcada com a estratégia de *Diferenciação*, sendo uma transgressão ininteligível ao sistema. Ela se afasta das regulações heterossexuais, e assim passa a ser codificada como desviante. Esta estratégia é maleável, ela se mostra tanto em segregações cruéis, como também em afastamentos de caráter, por exemplo. O aspecto desta estratégia está em diferenciar para poder matar, sem causar incômodo a mim e ao outros.

A *Punição* é a segunda estratégia necropolítica encontrada nas análises, que corresponde a atos de repressão especificamente contra as lésbicas. Punir é basicamente um ato de violência, mas é interessante notar que a ideia de *Punição* implica culpa e retaliação. A violência vem acompanhada de uma acusação, de um sentido de merecimento na violência. Nestas estratégias presenciamos então o ódio, a violência e o desejo de punir o que não se entende. A *Punição* é reguladora, é o meio pelo qual o medo é instaurado e é a via facilitada para regimes de dominação e subjugação. E sendo reguladora, esta estratégia punitiva também é constante, repetida no campo social para não deixar nada escapar a seu controle. Como já em sua existência a lésbica escapa o controle, ela precisa ser punida.

A última estratégia que surge em nossas análises é a de *Silenciamento*. Esta estratégia fornece mecanismos sutis e violentos de invisibilização para silenciar seus alvos. Aqui, utiliza-se de uma violência social para invalidar vivências e retirar o poder de se igualar através da fala, pois o silêncio é conveniente e necessário para uma lei

opressiva ser capaz de se manter vigente. A estratégia de *Silenciamento* apaga a existência política de quem não fala ou não lhe é permitido a fala, pois um corpo silenciado é regulação e regulatório de outros.

Estas estratégias nefastas, vindas de um sistema regulador, fora o entendimento que trazem da questão, também nos apresentam possibilidades. Através deste estudo, percebemos constantemente a linha de fuga da existência. Os sistemas regulam, as séries matam, as estratégias necropolíticas diferenciam, punem e silenciam a mulher lésbica e toda a sua condição transgressora. Em um sistema de heterossexualidade construído por repetições de signos, a lésbica ainda existe. E pela sua existência podemos ser inspirados a também resistir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscamos compreender que estratégias necropolíticas que poderiam ser identificadas nas séries de mortes de mulheres lésbicas nos seriados norte-americanos. A partir de uma listagem de mortes destas personagens, pesquisamos e refinamos estes dados, e utilizamos estas séries como nosso corpus do estudo. No primeiro capítulo desta pesquisa, introduzimos os tópicos a serem discutidos e o escopo do trabalho. O segundo capítulo reúne um aporte de dados sobre a mulher lésbica nos seriados televisivos norte-americanos. No terceiro capítulo, teorizamos sobre o corpo lésbico, utilizando-nos de autores como Butler (1990) e Foucault (1984), e apresentamos também, o conceito de necropolítica. Por fim, analisamos as séries de mortes de mulheres lésbicas nos seriados norte-americanos à luz das teorias anteriormente expostas, em busca das estratégias necropolíticas que surgem destas séries.

Esta pesquisa proporcionou-nos muitos momentos de aprendizados e reflexões sobre os sistemas intrincados de leis que nos cercam. Este trabalho mostra o quanto precisamos trabalhar na raiz dos problemas sociais para realmente mudá-los, pois os regimes de controle são autoprotetivos e excludentes do diferente. Descobrimos também, que mesmo que as estratégias necropolíticas sejam sintomas de um sistema opressivo, por mais controlador que seja este sistema ele não consegue controlar o desviante de existir. E ainda, este sistema opressivo necessita da existência do desviante para se codificar como ordem, pois sem um excluído a ordem perde seu sentido. Acreditamos que este trabalho tenha contribuído para compreendermos melhor sobre as

estratégias necropolíticas descobertas e sobre a figura da mulher lésbica nos seriados, pois, como vimos, o poder de fala é político, e produz as existências pela fala. Falar sobre um problema é ao menos transformá-lo em existência.

REFERÊNCIAS

- BENSHOFF, Harry M.; GRIFFIN, Sean. **Queer Images: A history of gay and lesbian film in America**. United States Of America: Rowman & Littlefield Publishers, INC., 2005. 314 p.
- BERNARD, Marie (riese). **All 198 Dead Lesbian and Bisexual Characters On TV, And How They Died**. 2016. Artigo frequentemente atualizado. Utilizado para diversas consultas.. Disponível em: <<https://www.autostraddle.com/all-65-dead-lesbian-and-bisexual-characters-on-tv-and-how-they-died-312315/>>. Acesso em: 02 jun. 2018.
- BERNARD, Marie (riese). Co-Founder / Editor in Chief / CEO / CFO **Autostraddle**. 2016. Site utilizado para diversas consultas. Disponível em: <<https://www.autostraddle.com/>>. Acesso em: 02 jun. 2018.
- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do “sexo”.. 2000. Postagem feita por Aurora Baêta em 12 de dezembro de 2014.. Disponível em: <<https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/12/12/corpos-que-pesam-sobre-os-limites-discursivos-do-sexo-judith-butler/>>. Acesso em: 18 abr. 2018.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, G.L. (Org.) **O corpo educado**: pedagogia da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica. 2000.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 13. Ed. Rio de Janeiro: Afiliada, 1990. 287 p.
- DELEUZE, Gilles. **A Imagem-Tempo**. Sao Paulo: Brasiliense, 1990.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1984. 175 p.
- LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia do gênero**. Technologies of gender, Indiana University Press, 1987. Pp. 1-30. Disponível em: < <http://www.scribd.com/doc/81873993/A-Tecnologia-do-GeneroTeresa-de-Lauretis>>. Acesso em: 2018.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica*. **Arte & Ensaios**: revista do ppgav/eba/ufrrj, Rio de Janeiro, v. 32, p.122-151, dez. 2016. Semestral.
- MULVEY, Laura. Visual Pleasure and Narrative Cinema. In: MULVEY, Laura. **Visual and Other Pleasures**. New York: Palgrave, 1989. Cap. 1. p. 14-28.
- SILVA, Alexandre Rocha da; Proponente responsável. **Semiótica Crítica**: micropolíticas pós-humanas da comunicação. 2015. 59 f. Projeto (Comunicação e Informação) - Departamento de Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015
- TROPIANO, Stephen. **The Prime Time Closet: A History of Gays and Lesbians on TV**. Applause Theatre & Cinema Books, 2002. 333p.

TV TROPES. Creative Commons Attribution-noncommercial-sharealike 3.0 Unported License (Comp.). **Bury Your Gays**.201-. Site utilizado para diversas consultas.. Disponível em: <<http://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/Tropes>>. Acesso em: 23 abr. 2018.